

ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS DAS POPULAÇÕES NEGRAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO *

João Baptista Borges Pereira

(Departamento de Ciências Sociais, da Universidade de São Paulo)

INTRODUÇÃO

Os estudos resenhados neste artigo resultam de pesquisas em andamento ou já realizadas no programa de pós-graduação do Departamento de Ciências Sociais, com vistas, sempre, à elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Preliminarmente, deve-se esclarecer que o Departamento de Ciências Sociais, da Universidade de São Paulo, reúne programas de pós-graduação, em níveis de mestrado e doutorado, nas áreas de Antropologia Social, Sociologia e Ciência Política. Cada uma dessas áreas possui coordenação, corpo de professores e orientadores, programas de cursos e pesquisas que lhe são próprios. Examinado dentro deste quadro preliminar ou deste contexto acadêmico, nota-se que o interesse pelo estudo do negro varia de área para área. Assim, pode-se afirmar que, atualmente, estes estudos estão sendo desenvolvidos sistematicamente na área de Antropologia e episodicamente na de Sociologia, ao passo que, na área de Ciência Política, nenhum trabalho se propõe a explorar tal tema. (Este desigual interesse de diferentes disciplinas pelo mesmo tema, já é um dado significativo, que talvez mereça alguma reflexão). Assim mesmo, salvo raríssimas exceções, os trabalhos sociológicos foram ou estão sendo feitos por pesquisadores e professores intimamente ligados à Antropologia, que foram levados à área de Sociologia mais por razões de ordem burocrática. Este o motivo por que, debaixo do rótulo da Antropologia, estão incluídos neste inventário os raros estudos realizados ou em realização na Sociologia.

(*) — Este artigo reúne, em forma adaptada e com novos dados, duas comunicações: a primeira — “Comunidades Rurais Negras: três estudos de caso” — foi apresentada no 4º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação, realizado no Rio de Janeiro, de 29 a 31 de outubro de 1980. A segunda, com o mesmo título deste artigo, foi feita na VI Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social do Brasil, realizada em Niterói, de 17 a 21 de novembro do mesmo ano.

OS ESTUDOS EM RESENHA

Os estudos sobre o negro podem ser enfeixados dentro de quatro conjuntos, cada qual se caracterizando por girar em torno de núcleo de interesses razoavelmente definidos: 1) o negro e a comunicação; 2) o negro em contexto religioso; 3) o negro no sistema de relações raciais; 4) o negro em condições de vida rural.

1) Os trabalhos do primeiro conjunto ligam metodologicamente o segmento de cor, não apenas aos clássicos mecanismos de comunicação de massa (rádio, tevê, imprensa), mas, também, à literatura (ficcional, documental e científica) e à comunicação ligada às artes expressivas (música, teatro etc).

O rádio, a tevê e o teatro são examinados, simultaneamente, como expressões da estrutura ocupacional urbana brasileira e como mecanismos fabricantes e propagadores de representações sobre situações, coisas e pessoas. Ao tomarem esses espaços sociais como sub-expressões da estrutura ocupacional, tais estudos permitem recortar metodologicamente um *campus* estrutural, onde se pode, com maior rigor teórico e empírico analisar os múltiplos fenômenos associados à integração do negro em determinadas esferas da moderna sociedade brasileira. E ao examina-los como fabricantes de mensagens, esses estudos permitem surpreender a atuação desses mecanismos de comunicação nos domínios das representações específicas sobre o negro, isto é, permitem apreendê-los como veículos que, na atualidade, captam, fixam e propagam para auditórios cada vez mais amplos, idéias, imagens e estereótipos sobre o negro, enquanto criatura humana, enquanto estilo de vida. Esta linha de pesquisa foi inaugurada, em 1966, com estudos da relação, em vários planos, do segmento de cor com as estações de rádio de São Paulo (1). Prosseguiu, anos depois, com uma monografia que transpunha do rádio para a televisão, as mesmas questões, mas levando em consideração o significado para o negro da substituição na mensagem da voz pela imagem (2).

Inspirado teórica e metodologicamente nesses estudos, e após algumas tentativas que resultaram em projetos (3), há, em andamento, pesquisa focalizando o teatro negro e o negro no teatro brasileiro.

É, principalmente, no plano da construção e difusão de representações que as pesquisas colocam as relações entre o negro e a literatura. Assim, Teófilo de Queiroz Junior mostra como, desde Gregório de Matos — o Boca do Inferno — até Jorge Amado, passando entre outros por Guimarães Rosa (4), a literatura vem se constituindo num mecanismo que propaga formas arcaicas, ou talvez estáveis, de concepção do negro, sugerindo a existência de um descompasso entre literatura-ficção e vida vivida. Em última instância, esta constatação permite concluir que, independentemente da posição ideológica e do momento histórico do autor, a literatura vem se configurando como elemento arcaizante no processo de modernização das relações raciais do Brasil.

Ruy Coelho, por sua vez, prepara artigo em que focaliza a representação do negro das Américas no contexto ficcional da literatura fantástica. Neste conjunto, podem ser incluídos os trabalhos de Regina Pahim Pinto e de Mirian Nicolau Ferrara. O primeiro, dedica capítulos às representações sobre o negro propagadas pelo livro didático (6). O segundo, refocaliza a imprensa negra, a partir de estudos feitos por Bastide e jogando com novos dados e novas informações. Neste trabalho, conseguiu-se recuperar quase 300 exemplares de jornais negros, alguns dos quais até agora só se conheciam os títulos (7). Nesta linha de preocupação, estão sendo executados dois projetos de estudos: o primeiro pesquisa a imagem do negro transmitida pelos viajantes do século XIX; o segundo propõe fazer inventário crítico do espaço reservado à mulher e à família na literatura sociológica e antropológica sobre o negro brasileiro.

A música, como arte expressiva, está em geral impregnando trabalhos mais gerais sobre rádio, tevê e teatro e, principalmente, escolas de samba, como o de Ana Rodrigues Ribeiro que, de forma inédita, documenta aspectos da folclorização e apropriação de expressões culturais da população negra e pobre do Rio de Janeiro por elementos brancos (7). Há, todavia, pesquisa feita por Ieda Marques Britto que toma a música e o negro em São Paulo como tema substantivo, enraizando o homem étnico e a sua produção cultural na estrutura sócio-econômica paulista, dentro de uma perspectiva diacrônica (8).

2) O segundo conjunto, que reúne pesquisas sobre religiões “afro-brasileiras”, situa-se dentro de longa tradição de reflexão acadêmica sobre o negro no Brasil, desde Nina Rodrigues até autores atuais, tanto sociólogos como antropólogos. Assim, o candomblé mereceu dois estudos: de Claude Lépine (9) e Ismael Giroto (10). A primeira autora realizou sua pesquisa nos clássicos terreiros de Salvador, utilizando-se de quadro teórico basicamente inspirado em Lévi-Strauss. É de se grifar que, a rigor, é este o primeiro e até aqui, o único trabalho sobre o negro e seu estilo de vida que é feito no Brasil, com esse esquema teórico, tão em moda na década de 60. O segundo autor fez um estudo de caso, de que resultou monografia etnográfica, com alta densidade empírica, sobre terreiro localizado na Grande São Paulo. A Umbanda foi pesquisada, em São Paulo, por Liana Salvia Trindade, que privilegiou as múltiplas elaborações míticas em torno do Exu (11).

Fora essas três pesquisas já realizadas, e em vias de publicação, há ainda cinco investigações em andamento: duas sobre candomblé, em Niterói; duas sobre Umbanda, nas cidades de Marília e de São Paulo; uma sobre Jarê, religião “negra” da Chapada Diamantina, no sertão da Bahia, praticamente desconhecida na literatura antropológica e sociológica.

3) O terceiro conjunto — o negro na teia das relações raciais — propõe, de forma sistemática, a revisão crítica de temas focalizados e a exploração de pistas deixadas ou sugeridas por trabalhos anteriores, em especial os de natureza sociológica, realizados nas décadas de 50/60. Tal proposta, além de seu caráter sistemático, joga com a conjugação de recursos teóricos, metodológicos e técnicos fornecidos, ao mesmo tempo, pela Sociologia e pela Antropologia. (Este ponto será retomado nas páginas conclusivas). Sua estratégia fundamental consiste em reduzir metodologicamente o universo empírico negro, que em trabalhos anteriores só poderiam ter sido tratados panoramicamente, em micromundos sociais e culturais, mais adequados a serem explorados em vários planos, horizontais e verticais, a partir de técnicas antropológicas. São colocados, em destaque, tópicos como estratégias de integração do negro na moderna sociedade brasileira, a estratificação e organização da família no meio negro, a socialização da criança negra para viver em sociedade multi-racial, associações e atuações políticas dos negros etc. Estes tópicos, além de se encontrarem diluídos em alguns trabalhos de outros conjuntos, foram sistematicamente tratados por Irene M. F. Barbosa que estudou a família e a socialização da criança negra em Campinas (12), e pelo autor deste texto, que realizou pesquisa exploratória da situação política do negro em São Paulo (13). Neste conjunto, podem ser colocados, também, o estudo de Nádia F. M. Amorim, focalizando as relações de negros e brancos na religião mórmon, de Alagoas (14), e pesquisa em realização no Rio de Janeiro sobre movimentos negros e etnicidade.

4) O quarto conjunto de estudos — o negro em condições rurais de vida — pode ser tomado como projeto de pesquisas mais bem estruturado, propondo de forma sistemática, coerente e organizada, embora plástica, analisar algumas comunidades negras rurais do Brasil. A sua plasticidade deve ser entendida como característica de projeto “aberto”, pronto a acolher novas propostas de investigação de pesquisadores que vão se interessando pelo tema, independentemente da área de conhecimento (Sociologia ou Antropologia) e do orientador, desde que sejam preservadas certas exigências básicas do projeto ou plano geral da pesquisa, como se verá a seguir.

Este projeto nasceu com tríplice objetivo que, naturalmente, iria condicionar as próprias preocupações das pesquisas, o seu encaminhamento, as suas características lógicas e técnicas e os seus resultados. O primeiro objetivo foi o de preencher um vazio na bibliografia científica sobre o negro no Brasil (15), uma vez que não havia até então estudo sistemático sobre as populações negras em condições de vida rural, exceto os de Harris, Wagley e Zimmerman (16) e, no interior de São Paulo, o de Oracy Nogueira. Assim mesmo, o negro visualizado por Nogueira é muito mais o negro da cidade interiorana do que propriamente de comunidade rural (17). Esta primeira preocupação conduziu ao estudo de “comunidades negras incrustadas” em diferentes áreas do mundo rural brasileiro. (Propositadamente, usa-se o termo “incrustada” para se evitarem as expressões “isolados negros” e “quilom-

bos”). Este rótulo provisório — que talvez devidamente elaborado possa chegar à categoria de conceito — já é o resultado dessas pesquisas, pois a partir das primeiras formulações teóricas e dos primeiros dados obtidos em *survey*, trabalhou-se com a hipótese de que as comunidades em estudos seriam resíduos de antigos quilombos, que se preservaram graças a seu isolamento histórico. Jogavam-se, nesta hipótese, com dois conceitos ou idéias muito fortes e insinuantes: de quilombo e de isolamento. O primeiro, de repente, tornou-se um conceito fascinante, principalmente para alguns especialistas ou ideólogos, em especial negros, preocupados em revisar tópicos da história do Brasil, enquanto compartilhada ou mesmo feita pelo negro. O segundo, usado e abusado pelos esquemas lógicos da Sociologia e da Antropologia debruçadas sobre variantes rurais, ou grupos tribais, continua, ainda que criticado, com seu alcance explicativo não totalmente dimensionado. Nesta hipótese, havia a idéia de que as características raciais da população em estudo poderiam ter jogado papel importante no eventual isolamento histórico das comunidades. Enfim, o trabalho proposto oferecia condições empíricas excepcionais para se testar mais uma vez o alcance explicativo do conceito de isolamento, com o auxílio da variável étnica ou racial.

O segundo objetivo foi o de enriquecer empiricamente a literatura sobre o negro brasileiro, uma vez que a crítica do que foi feito até agora entre nós mostra que se fala e se escreve muito sobre temas e problemas da população negra, a partir de poucos dados que meia dúzia de monografias, em especial as de caráter sociológico, nos deixaram. Pode-se afirmar que há uma repetição monótona de certos temas e certas idéias até a exaustação, deixando-nos a idéia de que nada mais falta a verificar. Na verdade, o estudo do negro apenas ganhou novo alento com tais monografias e tudo ainda está por ser feito, inclusive a crítica sistemática e séria desses estudos, que devem ser tomados como retomada de temas e não como ponto de chegada. É preciso que novos estudos surjam e venham a expor, sem medo da empiria, o que aconteceu e o que acontece realmente com o negro nos diferentes brasis. Esta postura, que é crítica e metodológica ao mesmo tempo, leva essas pesquisas à busca de alto grau de densidade empírica e a ter grande preocupação pela descrição dos fatos. Há intencional aproximação destas monografias com os estudos de comunidade feitos nas décadas de 40/50, contextualizando-as, porém nos limites de problemas mais amplos, raciais ou não e, naturalmente, incorporando os recursos lógicos oferecidos pela Antropologia Social nestes últimos anos.

A rigor, o terceiro objetivo já começou a ser delineado em páginas anteriores. Procurou-se montar um projeto suficientemente plástico ou elástico para que pudesse acolher a qualquer momento novas propostas de pesquisas individuais, mas que viessem oferecer dados comparativos com relação a estudos do próprio projeto. Cada pesquisa deveria resultar numa monografia individual, por ser o trabalho pensado, executando e redigido por um pes-

quisador. Mas todos, acima dessa produção individualizada, deveriam se orientar basicamente por um roteiro de temas e problemas a serem explorados com ênfase no contexto comunitário, e todos deveriam adotar referencial teórico-metodológico mais ou menos comum. Assim, por exemplo, as comunidades negras foram ou estão sendo metodologicamente tratadas como *bairro rural* dentro do conceito de Nice L. Müller, posteriormente retrabalhados e popularizados nas Ciências Sociais por Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Este terceiro objetivo é o mais difícil de ser alcançado, pois a experiência mostra que cada pesquisa, em seu desenvolver, enfrenta problemas específicos e reflete a sensibilidade de cada pesquisador que, para ser ou por ser criativo, precisa às vezes quebrar aqui e ali o referencial, a fórmula que lhe foi imposta.

Atualmente, este projeto inclui 7 pesquisas individuais, das quais três já foram concluídas, uma está sendo realizada em Rio Grande do Norte, outra em Minas Gerais, e duas — na Bahia e em Mato Grosso — estão sendo montadas, com base em dados colhidos em *survey* e, naturalmente, em levantamentos bibliográficos. As pesquisas já concluídas, e cujos resultados foram apresentados em forma de teses acadêmicas, foram realizadas por Renato da Silva Queiroz, Anita Maria de Queiroz Monteiro e Mari Nazaré Baiocchi. A primeira analisou a comunidade de Ivaporunduva no Vale do Ribeira, litoral de São Paulo (18), a segunda, focalizou Castainho, comunidade de negros, a alguns quilômetros de Garanhuns, no agreste pernambuco (19), a terceira centrou-se sobre Cedro, povoado de negros situado na região do alto Araguaia, no Estado de Goiás (20).

OS RESULTADOS

Esquemática e provisoriamente, os resultados dos trabalhos concluídos podem ser assim apresentados:

a) As comunidades negras não podem ser colocadas na categoria de quilombo, a não ser que se dê novas dimensões a tal conceito. A de Goiás começou com a compra de grandes extensão de terras por Chico Muleque — escravo alforriado — que atraiu para lá pessoas de sua parentela. A de Pernambuco, embora esteja localizada em área de extensa formação quilombola, originou-se da doação de uma fazenda por um Padre a certo negro que havia criado. Foi esse negro, na apinião de seus atuais descendentes, que tomou u'a mulher para si, construiu a casa original na colina e lá "ficou agerando... agerando... agerando!". A do Vale do Ribeira, em São Paulo, formou-se com resíduos da população escrava que, após a abolição, ocuparam as "terras da santa", isto é, da Igreja.

b) Na história dessas comunidades detetam-se momentos em que as populações entram em maior ou menor conexão com a sociedade envolven-

te, em resposta a compulsões advindas de fora, conjugadas às próprias configurações internas do grupo. Atualmente, as três comunidades foram alcançadas pelas frentes de expansão do sistema capitalista, levando-as a procurar novas formulas de articulações com a exterior, com profundo reflexo na vida do grupo, enquanto grupo rural, enquanto grupo negro.

c) A grande preocupação desses estudos foi, após analisar a configuração do grupo como expressão comunitária, detetar os eventuais níveis de especificidade do grupo enquanto grupo negro. Partiu-se do princípio, depois empiricamente comprovado, de que, além do óbvio nível da cor ou da raça, poder-se-ia apreender tal especificidade no plano da cultura (tomada como estilo de vida do grupo, que inclui desde os padrões de comportamento, elementos materiais, princípios organizatórios, ritualização da vida e visão do mundo) e no jogo da oposição negro-branco.

A especificidade ao nível da cultura

Do ponto de vista cultural, tal como foi definido, as comunidades até agora estudadas não se distinguem dos demais bairros rurais das regiões onde se encontram. Não se percebeu qualquer traço ou expressão cultural que pudesse ser tomada como específico do grupo em estudo, embora se possa admitir ou reconhecer a existência de marcas de tradição negra em múltiplas manifestações da vida rural brasileira. Em Castainho, o único traço cultural que é identificado, pelos menos historicamente com a população negra no Brasil, é a "sensala", nome que designa na comunidade a religião que, no sul, se dá o nome de Umbanda. A "sensala", introduzida há pouco nessa comunidade, disputa, com desvantagem em todos os planos, o espaço religioso ocupado, desde sempre, pelo já conhecido catolicismo popular não-romanizado.

Estas considerações permitem pelo menos duas observações, que se aproximam muito de questões a serem debatidas. A primeira, é de que talvez se possa admitir que esta anotada ausência de expressões culturais negras na vida de populações de cor se explique em parte pela falta de familiaridade de nossos pesquisadores com a África cultural, e, em parte, por inadequações de recursos analíticos. Estas inadequações lógicas, e até técnicas, vão desde uma insatisfatória conceituação de cultura negra no Brasil até as abordagens permitidas pela Antropologia Social, passando pela dificuldade teórica de se lidar com a variante rural da cultura brasileira enquanto impregnada de influências negras. Esta observação está a indicar que o mesmo clima cultural sincrético é criado, recriado e consumido por todo um segmento da população brasileira, independentemente da raça. Anita de Queiroz Monteiro, todavia, suspeita de que haja uma diferença sutil, que se manifesta no plano da intensidade ou ritmo em que são usados tais elementos culturais. Assim, para exemplificar, em duas comunidades rurais pernambucanas —

uma predominantemente branca e outra totalmente negra — encontram-se as mesmas manifestações culturais associadas ao lazer, como a música, o ritmo, o instrumental, o calendário etc. Só que, na comunidade negra, eles criam um ritual, há um ritmo de vida quase cotidiano onde esses elementos culturais são usados com mais intensidade e mais freqüência. Menos do que afirmação categórica, é uma sugestão ou hipótese que poderá ser eventualmente testada em outros estudos.

A segunda observação está diretamente ligada à idéia de cultura negra. Se se aceitar como cultura negra tudo aquilo que é relacionado como tal (religiões "afros", gêneros musicais, associações especiais), conclui-se, por estes estudos, que a vida urbana é mais favorável à preservação desses elementos culturais, malgrado a sua denunciada estilização, folclorização, apropriação e manipulação pelas camadas brancas, em geral com a cumplicidade dos próprios negros. Contudo, antes de se enfrentar este problema, deve-se enfrentar um desafio de ordem conceitual, que consiste em se precisar o que se deve ou se pode entender por cultura negra ou de negros, hoje, no Brasil (21).

A especificidade ao nível da oposição negro-branco

É ao nível da oposição entre brancos e negros que se percebe mais concretamente a especificidade do grupo racialmente distinto. Atitudes preconceituosas, entraves discriminatórios, representações e noções estereotipadas "fabricam" uma imagem da comunidade diferente da realidade circundante, levando o grupo a se sentir diferente em relação ao demais e, como consequência, a ter comportamento divergente, diferenciado ou específico. Em síntese, essas comunidades constroem sua auto-imagem, a sua identidade de grupo, encurraladas, por assim dizer, por idéias, estigmas, representações, comportamentos e atitudes nascidas no mundo dos brancos, exatamente como ocorre em condições urbanas de vida, conforme relatam os estudos tradicionais.

É neste plano dialético, de duas raças que se opoem assimetricamente, que se pode aceitar a idéia de isolamento do grupo, pois as conexões dessas comunidades com as vizinhas, a delimitação de sua territorialidade se deram historicamente e se dão, nos dias de hoje, reguladas pelas barreiras da cor. Pressionadas ou contidas, quase sempre pressionadas e contidas por esses entraves raciais, essas comunidades se fecham sobre si mesmas, encaramujadas dentro de seus próprios limites físicos e sociais.

É, ainda, ao nível dessa oposição que se explicam muitas elaborações culturais dadas inicialmente como específicas do grupo enquanto grupo de cor. Por exemplo, o padrão de endogamia mantido pelo grupo através de família racialmente homogêneas, é produto das barreiras colocadas pelos brancos, que procuram evitar o aumento dos raros casamentos mis-

tos. Assim, a adoção de um modelo cultural — padrão endogâmico — é, em última instância, não herança de vida africana ou de passado cativo, mas determinado pelo preconceito e pela discriminação. Da mesma maneira se pode falar a respeito do aumento do número de famílias, sob chefia feminina. Embora o fenômeno seja preconceituosamente visto ou julgado como específico do estilo de vida do negro, lá, naquelas paragens, surge como consequência direta de fatores econômicos, deflagrados com intensificação da emigração dos homens que saem das comunidades de origem à cata de novas e melhores condições de vida. Assim, a cidade os espera para jogá-los no mesmo círculo vicioso, desenhado pela peculiaridades estruturais e culturais da sociedade brasileira, enquanto sociedade pluri-racial.

CONCLUSÕES GERAIS

Considerando-se os fins imediatos a que se destina, toda esta produção científica é, antes de tudo, acadêmica e, portanto, ostenta todas as características — positivas e negativas — de produtos intelectuais desta natureza. Uma dessas características é de que tais estudos são desenvolvidos a partir e dentro de problemática científica e são expressos através de um discurso científico. Isto gera série de críticas, das quais serão destacadas três:

1) A primeira insiste em que a situação do negro é, em princípio, problematizada dentro de uma dimensão científica e não de espaços sociais. Como nem sempre há correspondência entre os dois níveis, o problema do negro, enquanto problema social, corre o risco de ser colocado em segundo plano, e, com isto, o negro passa a ser apenas um objeto de estudos.

Esta discussão conduz a considerações ligadas à posição teórico-metodológica dos trabalhos em resenha, que pode ser definida, como ficou expressa em outros trechos deste artigo, como resultado de dupla abordagem: antropológica e sociológica — conjugação lógica e mesmo técnica, que se mostra igualmente sensível às produções culturais do grupo e às suas condições existenciais. Isto é, abordagem que permite focalizar o negro enquanto expressão e produtor de cultura, porém enraizado nos quadros estruturais da sociedade brasileira. Esses trabalhos, embora pretendendo assumir posições críticas, são herdeiros e, de certa forma, continuadores de uma linha de pesquisa desenvolvida por sociólogos de São Paulo, que propunham ver o negro basicamente como problema social, a partir do diagnóstico científico de suas condições de vida. Isto significa que, para tais cientistas, os temas são sociologicamente relevantes porque, antes de tudo, são socialmente relevantes. Nesse sentido, são trabalhos de denúncia. Isto é o que deu uma das marcas revolucionárias a estudos de Flo-

restan Fernandes, Roger Bastide, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni (22). E é esta marca que os atuais estudos sócio-antropológicos procuram preservar ou cultivar, mesmo enveredando por outras trilhas teóricas e metodológicas.

2) A segunda série de críticas destaca que a situação do negro, mesmo sendo socialmente problematizada, continua sendo problematizada de fora para dentro. A seleção dos temas considerados problemas, o diagnóstico dos males que afetam o mundo dos negros e as soluções apontadas ou sugeridas — tudo é feito a partir de parâmetros ideológico-políticos tendo como referencial o mundo dos brancos ou um sistema sócio-político ideal ou idealizado.

É preciso ter em mente que esta distorção, se é que existe, não atinge apenas a realidade dos negros, mas se estende a outros segmentos da sociedade brasileira, objetos de reflexão das ciências humano-sociais: assim, a vida do índio é problematizada pelo civilizado; a do homem rural, pelo citadino; a do migrante, pelo nacional; a do operário, pelo intelectual. Na medida em que este fenômeno é, pelo menos no momento, componente da própria reflexão científica perante o seu objeto de análise, talvez sobre margem para que a Antropologia, através da abordagem êmica — isto é, de dentro para fora — possa assumir um caráter relativamente corretivo. A postura êmica, em oposição à ética (típica da Sociologia), instrumentaliza-se através da técnica da observação participante, cuja pedra de toque é a empatia, ou seja, a capacidade da ser humano, através do cultivo técnico de sua sensibilidade, colocar-se no lugar do outro para melhor entendê-lo, ou para melhor entender as suas razões de vida e até de morte. Mas até que ponto um estudioso branco, mesmo treinado para tal, consegue se colocar no lugar do outro, quando o outro é um negro? Esta interrogação traz consigo a certeza de que será altamente frutífera para a compreensão mais justa do problema do negro no Brasil a ascensão do intelectual preto à cena da pesquisa e da reflexão científicas.

3) Finalmente, uma terceira ordem de críticas é endereçada ao discurso científico que, por ser esotérico porque é acadêmico, enfraquece, quando não anula por completo, o eventual caráter de denúncia dos trabalhos. Estes são divulgados, sob várias formas, dentro de espaços restritos, para platéias limitadas e são consumidos por pequenas parcelas da população, mesmo letradas, onde a presença do negro é inexpressiva ou mesmo nula. Estabelece-se, então, a contradição: pretende-se denunciar um magno problema nacional para auditório limitadíssimo através de linguagem fechadíssima. Aliás, é preciso que se diga que de modo geral, os intelectuais brasileiros ficam muito preocupados com o seu prestígio quando percebem que estão sendo entendidos por público fora do Olimpo. Contraditoriamente, ao mesmo tempo que querem transmitir idéias salvadoras

para os deserdados da terra, temem a vulgarização de suas idéias (o professor conseguiu, nas universidades, passar esta contradição para os seus alunos. Quando o mestre é muito claro ao expor suas idéias, tornando-as intelegíveis ao aluno, este logo coloca sob suspeito a capacidade do professor).

Esta série de considerações coloca, desde logo, o problema de se procurar uma linguagem que, sem comprometer o rigor científico, seja clara e compreensível a não-iniciados. Esta busca não se coloca como questão de estética, mas como questão de ética, isto é, de coerência com o caráter de denúncia desses estudos e de compromisso moral com os grupos ou indivíduos que eventualmente venham a ser por eles beneficiados. Isto significa que a visão corretiva de estudos sobre o negro deve começar pela crítica do próprio discurso científico.

NOTAS

(1) — BORGES PEREIRA, João Baptista — *Cor, Profissão e Mobilidade: O Negro e o Rádio de São Paulo*. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1967.

(2) — COUCEIRO, Solange Martins — *O Negro na Televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*, USP, 1972. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. João Baptista Borges Pereira).

(3) — WEMBI, Timochenco — “Plano de pesquisa antropológica — O ator negro no Teatro do Branco”. In: *Revista da Faculdade Tereza Martin*. São Paulo, ano II, Nº 2, outubro de 1975, pp. 40/42.

(4) — QUEIROZ JR., Teófilo de — *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo, ÁTICA, 1975.

(5) — PINTO, Regina Pahim — *O Livro didático e a democratização do escola*, USP, 1981. (tese de mestrado orientada pela Prof. Aparecida Joly Gouveia).

(6) — FERRARA, Miriam N. — *A imprensa Negra Paulista (1915-1963)*, USP, 1981. (Dissertação de mestrado orientada pelo Prof. Fernando A.A. Mourão).

(7) — RIBEIRO, Ana Maria R. — *Samba negro, espoliação branca*, USP, 1981. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. Teófilo de Queiroz Jr.).

(8) — BRITO, Ieda M. — *Samba na cidade de São Paulo (1900/1930): Contribuição ao estudo da resistência e da repressão cultural*, USP, 1981. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. Gabriel Cohn.).

(9) — LEPINE, Claude — *Contribuição ao estudo do sistema da classificação dos tipos psicológicos no candomblé Kétu de Salvador*, USP, 1979. (Tese de doutorado orientada pelo Prof. Ruy Coelho.).

(10) — GIROTO, Ismael — *O candomblé do Rei: Estudo etnográfico de um candomblé Kétu-Bamgbosé, na cidade de São Paulo*, USP, 1980. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. João Baptista Borges Pereira.).

(11) — TRINDADE, Liana S. — *Exu: Símbolo e Função*, USP, 1980. (Tese de doutoramento orientada pelo Prof. Ruy Coelho).

(12) — BARBOSA, Irene M. F. — *Socialização e Relações Raciais: um estudo de família negras em Campinas*, USP, 1978. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. João Baptista Borges Pereira.).

(13) — BORGES PEREIRA, J.B. — *Aspectos do comportamento político do negro em São Paulo*. Comunicação apresentada no V Encontro Nacional de Pós-Graduação, Nova Friburgo, 21 a 23/10/81.

(14) — AMORIM, Nádia F. Maria de — *Os mormons em Alagôas: Relações Raciais*, USP, 1981. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. Oracy Nogueira.)

(15) — Para a relação de títulos sobre o negro brasileiro e sua produção cultural, consultar: COUCEIRO, Solange Martins — *Bibliografia sobre o negro brasileiro*. São Paulo. Centro de Estudos africanos e CODAC, USP, 1974; ALVES, H. L. — *Bibliografia afro-brasileira*. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1979; POTER, D. B. — *Afro-braziliana a working bibliography*. Boston, G. K. Hall, 1978; CONRAD, R. — *Brazilian Slavery; an annotated research Bibliography*. Boston, G. K. Hall, 1977; COLONELLI, Cristina A. — *Bibliografia do folclore brasileiro*. São Paulo, CECH—SCCI, 1979.

(16) — Cf. WAGLEY — “Race relations in a rural community of the Amazon; HARRIS, M. — “Race relations in Minas Velhas, a community in the mountain region of Central Brazil” e “Race relations in a rural community of the Bahia Recôncavo”; ZIMMERMAN, B. — *Race Relations in the Arid Sertão*”. In: *Race and class in rural Brazil*. Paris, UNESCO, 1952.

(17) — NOGUEIRA, Oracy — “Relações Raciais no Município de Itapetininga”. In: *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*. São Paulo, Anhembi, 1955, p. 362-553.

(18) — QUEIROZ, Renato da S. — *Os Caipiras Negros do Vale do Ribeira: um estudo de Antropologia Econômica*, USP, 1980. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. João Baptista Borges Pereira.)

(19) — MONTEIRO, Anita M. de Q. — *Castainho: etnografia de um bairro rural de negros em Pernambuco*, USP, 1980. (Tese de mestrado orientada pelo Prof. João Baptista Borges Pereira.)

(20) — BAIOCCHI, Mari de N. — *Os negros de Cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*, USP, 1981. (Tese de doutorado orientada pelo Prof. João Baptista Borges Pereira.)

(21) — No *Simpósio Etnia e Racismo*, promovido pela UnB/EAFORD, realizado em Brasília, de 26 a 27/02/81, sob a Presidência de Roberto Cardoso de Oliveira, tive a oportunidade de debater esta questão em comunicação: *A folclorização da cultura negra no Brasil*.

(22) — V. relação e crítica desses trabalhos em João Baptista Borges Pereira — “Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil”. In: *Contribuição à Antropologia em homenagem ao Professor Egon Schaden*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, vol. 4, 1981. (Organizadoras: Theka Hartmann e Vera Penteadó Coelho).